

# ATIVIDADES LÚDICAS PARA CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

## PLAY ACTIVITIES FOR CHILDREN WITH SPECIAL EDUCATIONAL NEEDS



### ADRIANA CLEONICE DE ALMEIDA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Santa Anna (2016); Pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela Faculdade São Luiz (2017) em Educação Especial e Inclusiva; Neuropsicopedagogia(2021); Psicomotricidade(2022); Professora de Educação Especial Prefeitura de São Paulo.

### RESUMO

Este artigo tem como tema as atividades lúdicas para crianças com necessidades educativas especiais. Seguindo a linha de pesquisa “Docência na Educação Infantil”. O lúdico é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Nas situações em que a criança é estimulada, é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento. Seguindo esse pensamento, o presente artigo ensino tem o objetivo de dispor as atividades lúdicas, como estratégia para aprendizagem e socialização de alunos com necessidades educativas especiais dentro do ambiente escolar. Cabe a educação capacitar essas crianças de toda e qualquer bagagem, que possa inseri-lo, verdadeiramente em uma sociedade, rompendo paradigmas desta nova situação que se apresenta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lúdico; Inclusão; Desenvolvimento; Aprendizado.

### ABSTRACT

The theme of this article is play activities for children with special educational needs. It follows the

line of research "Teaching in Early Childhood Education". Play is of fundamental importance for children's development, as it allows them to transform and produce new meanings. In situations in which the child is stimulated, it is possible to observe that they break away from the relationship of subordination to the object, attributing a new meaning to it, which expresses their active character in the course of their own development. With this in mind, the aim of this teaching article is to use play activities as a strategy for learning and socializing students with special educational needs within the school environment. It is up to education to equip these children with any and all baggage that can truly insert them into society, breaking the paradigms of this new situation.

**KEYWORDS:** Play; Inclusion; Development; Learning.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema e linha de pesquisa a docência na Educação Infantil, com enfoque na importância do lúdico na escola para as crianças com necessidades educacionais especiais. Esses alunos podem ser beneficiados com a adaptação das atividades lúdicas, de acordo com as necessidades especiais relativas às particularidades em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O estudo do tema se justifica pela frequente discussão sobre a importância do lúdico para a aprendizagem das crianças. O objetivo é pesquisar como podem ser introduzidos na prática pedagógica junto às crianças com necessidades educacionais especiais, materiais lúdicos de forma a auxiliar a criança, na construção, de seu próprio desenvolvimento, com auxílio da família.

Grande parte das crianças com necessidades educacionais especiais não possui acesso à rede regular de ensino, seja por não aceitação da escola, ou por falta de estrutura escolar para receber a criança, ou adolescente ou o jovem. Dessa forma é preciso desenvolver projetos como esse nas escolas contribuindo na aplicação de didáticas que trabalhem com a capacidade do aluno especial em utilizar o lúdico como forma de aprender e compreender o mundo que o cerca.

Propõe-se trabalhos com conteúdos no intuito de trabalhar os aspectos emocionais, rever limites, desenvolver autonomia, aprimorar a coordenação motora, aumentar a concentração, a atenção e o raciocínio e desenvolver a criatividade.

O objetivo deste artigo é destacar as atividades lúdicas, como estratégia para aprendizagem e socialização de alunos com necessidades educacionais especiais dentro do ambiente escolar.

Para o desenvolvimento do projeto pretende-se trabalhar com a ludicidade a fim de promover a socialização. Em seguida, deverão ser trabalhados jogos e brincadeiras artísticos, expressivos, sensitivos, recreativos e desportivos.

A avaliação será feita observando a participação, envolvimento, desenvolvimento das crianças durante as atividades lúdicas. Respeito a todas as diferenças e limitações, será observada e registrada também a socialização e interação e habilidades aprendidas.

O trabalho com jogos e brincadeiras, como atividades lúdicas, no ambiente de uma escola inclusiva, com a interatividade e a ludicidade, é de fundamental importância para a abstração, pois essas atividades aguçam a capacidade cognitiva dos alunos, desenvolvendo habilidades comunicativas, aumenta a autoestima, além de propiciar relações interpessoais. Buscam também, aproximar os alunos especiais para o universo acadêmico como incentivo a uma educação de qualidade.

A ludicidade é essencial ao ser humano e ao seu desenvolvimento - O lúdico como um recurso didático, está além de ser apenas jogos e brincadeiras, de propor divertimento, suas características são bem mais acentuadas como: desenvolver habilidades motoras e intelectuais, fixar conteúdos de forma prazerosa e envolvente, permitindo assim ao educando construir sua aprendizagem, visto que é um modo de expressar-se, pois se pode fazer um paralelo entre os jogos e as brincadeiras com as situações do cotidiano. Essas ferramentas lúdicas muitas vezes exercem papel fundamental no processo de ensino – aprendizagem, uma vez que sua utilização em sala de aula mostra-se mais eficiente do que os meios tradicionais de ensino.

## **DESENVOLVIMENTO**

Estudos feitos sobre a história da infância nos mostram que o lúdico documenta como o adulto coloca-se em relação à criança e mostram suas concepções e representações do sujeito criança.

Quando falamos sobre a brincadeira e o seu papel no desenvolvimento da criança na idade pré-escolar, emergem duas questões fundamentais: a primeira delas é o modo como a própria brincadeira surge ao longo do desenvolvimento, o aparecimento da brincadeira, sua gênese; a segunda questão diz respeito ao papel que essa atividade desempenha no desenvolvimento, vale dizer, o que significa a brincadeira como uma forma de desenvolvimento da criança na idade pré-escolar. A brincadeira é a atividade principal ou, simplesmente, uma atividade predominante quando a criança está nesta idade? (VYGOTSKY, 1998, p.34)

O jeito de lidar, organizar, propor, respeitar e valorizar as brincadeiras das crianças demonstra através da história da infância o entendimento que se tem das mesmas.

Friedmann (1992) enfatiza que a criança se expressa pelo ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras. Elas perpetuam e renovam a cultura infantil desenvolvendo formas de convivência social, modificando-se e recebendo novos conteúdos, a fim de se renovar a cada geração. É pelo brincar e repetir a brincadeira que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo saber fazer, incorporando-o a cada novo brincar.

As atividades lúdicas são reconhecidas como meio de fornecer à criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, que possibilita a aprendizagem de várias habilidades. Na educação infantil, mediante a brincadeira, a fantasia, a criança forma a base e adquire a maior parte de seus repertórios cognitivos, emocionais, sociais e motores. (AGUIAR, 2004, p.25).

## **BASES DO APRENDIZADO**

Alves (2004) parte do pressuposto de que é preciso romper com a ideia que, por muito tempo teve voz ativa no espaço escolar, onde se colocava o silêncio e a imobilidade como sinônimo de

atenção e disciplina - bases para aprendizagem eficaz. Os corpos formalmente alinhados atrás de suas respectivas carteiras dão mais segurança (ao professor), que a agitação impulsiva desses mesmos corpos em movimento, cujo dinamismo tende a subtrair-lhes a autoridade.

Para aprender, o indivíduo não deixa de operar regulações intelectuais. Na mente humana, toda a regulação, em última instância, só pode ser auto regulação, pelo menos se aderirmos às teses básicas do construtivismo: nenhuma intervenção externa age se não for percebida, interpretada, assimilada por um sujeito. (PERRENOUD, 1999, p.96).

Frazzon (2001) enfatiza que conforme a postura de Perrenoud (1999), todo o fazer educativo deve estimular o autoconhecimento, o autodesenvolvimento, a autoaprendizagem, a auto regulação do sujeito. Desta forma, a construção do processo formativo deve ser assumida de forma gradativa pelo sujeito em formação. Perrenoud (1999) apud Frazzon (2001) salienta que não adianta o professor persistir em ensinar se o aluno não quer e não sente necessidade de aprender.

Frazzon (2001), afirma ainda, que o significado do processo educativo deve corresponder e desafiar o aluno para as coisas e as ações que lhe dizem respeito. Provocado e sentindo necessidade de conhecer, de compreender e de interferir nas suas circunstâncias imediatas, o aluno se mobiliza convencido de sua responsabilidade em dar qualidade ao processo de formação de sua personalidade. Desta forma, se converte em parceiro ativo na formação de sua personalidade e gradativamente se liberta do controle e das regulações externas, desenvolvendo a capacidade e as habilidades para o autocontrole e para a auto regulação do desenvolvimento de sua personalidade.

Também, para Frazzon (2001), a personalidade principia a formar-se com o nascimento e desenvolvem gradativamente de forma dialética através da formação de hábitos, atitudes, valores, sentimentos etc., que constituem uma estrutura que dará ao sujeito a base inicial para que gradativamente e de forma ativa, elabore e interiorize sua concepção do mundo e das coisas, configurando sua personalidade.

Essa construção não se dá independente das interferências externas do contexto em que ele vive. O que faz a diferença na formação da personalidade são as contribuições do meio, bem como a forma pessoal de sua interiorização. Sendo assim, entende-se que a formação da personalidade é um processo de interação do indivíduo com o meio, com o contexto sócio histórico e cultural. E é nessa interação que o sujeito constrói seu conhecimento, transforma e é transformado.

O lúdico facilita a apreensão da realidade e é muito mais processo do que produto. Por meio dele, a criança percebe como se dá a relação humana, explora, desenvolve noções sobre o número físico, estabelecendo novas cadeias de significado e amplia suas percepções do real. Por ser essencialmente dinâmico, o jogo permite comportamentos espontâneos e improvisados, uma vez que os padrões de desempenho e as normas podem ser criados pelos participantes. Há liberdade para tomada de decisões, e a direção que o jogo assume é determinada pelas crianças considerando o grupo e o contexto. (BESSA, 2008, p.54).

Para Maluf (2003), as atividades de exploração livre são fundamentais para se trabalhar a motricidade infantil. O professor pode disponibilizar materiais lúdicos os quais devem ter qualidade, tamanhos e cores variados, adequados a possibilidades de exploração corporal e obedecer aos critérios de segurança. Estes objetos permitirão que as crianças exerçam livremente suas ações, propiciando oportunidades de observar as motivações, as relações com seus pares a fim de perceber suas características motoras simbólicas, afetivas e relacionais.

Freire (2002), também propõe atividades de exploração livre, com a utilização de materiais

que a escola poderá obter, com custo reduzido, e que possa vir a oferecer uma variedade deles quanto à forma, tamanho, cor, pesos etc. Esses materiais podem ser usados com o objetivo de ajudar a criança a desenvolver maior velocidade, melhor postura corporal, manusear objetos com maior facilidade, desenvolver força e resistência, agir com maior desenvoltura e equilíbrio, reconhecimento de texturas, cores, uma infinidade de possibilidades.

Lima e Vieira (2006) vê no ato de brincar, além de uma busca de prazer, uma forma de lidar com a angústia. É uma necessidade para o desenvolvimento de sujeitos saudáveis e criativos. O brincar é parte de uma cultura herdada, onde o mesmo considera que o brincar pertence ao fundo comum da humanidade para o qual indivíduos e grupos podem contribuir e dos quais todos podem fluir, se existir um lugar para guardar o que for encontrado.

O que quer que se diga sobre o brincar de crianças aplica-se também aos adultos; apenas a descrição torna-se mais difícil quando o material do paciente aparece principalmente em termos de comunicação verbal. Sugiro que devemos encontrar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso de nossos trabalhos com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escola das palavras, nas inflexões de voz e na verdade no senso de humor. O natural é o brincar... para o analista, não deixa de ser valioso que se lhe recorde constantemente não apenas aquilo que é devido a Freud, mas também o que devemos à coisa natural e universal que se chama brincar. (LIMA & VIEIRA 2006, p.61)

Para Lima e Vieira (2006), o ato de brincar constitui algo bem mais profundo do que a busca pelo prazer. Segundo ela, através de observação de crianças em terapia, durante anos, o autor constatou que em diversas situações, quando está brincando, além da criança realmente se ver e sentir numa relação prazerosa pode ser observado também que naquele momento a criança também experimenta situações diferentes de lidar com sua angústia.

Segundo Vygotsky (1998), brincar é criar, imaginar e interagir com o outro. A brincadeira não só evolui o lado motor da criança, como alavanca processos de socialização e descoberta do mundo. É algo que faz parte da sua rotina e se define como espontâneo, prazeroso e sem comprometimento. Várias atividades pedagógicas podem ser executadas com o intuito de despertar na criança a sua visão e compreensão de mundo, tornando-a uma pessoa consciente e participativa de sua realidade. Em meio às atividades que beneficiam a criança está a aplicação do lúdico na prática pedagógica.

(...) o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação da esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY, 1998, p.117).

Segundo Vygotsky (1984) apud Lima e Vieira (2006), o brinquedo preenche as necessidades da criança entendida como motivo para a ação. E desta forma, satisfaz certas necessidades por meio do brinquedo e essas necessidades apresentam um processo de maturação.

Trazendo esta análise para a realidade da escola pública, para a sala de aula, Frazzon (2001) salienta que todo aluno para aprender, necessita de motivos fortes e significativos para despertar, para perceber a necessidade do aprender, de planejar, de se auto motivar para o alcance do saber. Segundo a autora, as pedagogias ativas apresentam historicamente a defesa da necessidade do aluno de assumir-se enquanto sujeito do seu processo de formação. Entende-se, porém, que não é na espontaneidade e no voluntarismo que o aluno assume a responsabilidade do processo de formação

de sua personalidade. Para que haja nele sensibilização e desejo da necessidade de aprender, o papel do professor é fundamental. Não aquele professor que apresenta apenas preocupações com o desenvolvimento cognitivo, mas aquele que apresenta preocupações com o desenvolvimento integral do aluno.

## PRINCIPAIS DESAFIOS

De acordo com Perrenoud (1999) para ingressar nesse rumo a opção teórica

metodológica do professor precisa sofrer alterações significativas. Os investimentos devem iniciar no processo de formação de alguns conceitos básicos inerentes ao processo educativo. Um deles diz respeito ao enfoque construtivista do processo educativo ao qual se declaram adeptos a maioria dos nossos professores. A construção pressupõe o envolvimento ativo no processo de formação de hábitos, atitudes, capacidades, valores, sentimentos etc.

Segundo Vasques e Baptista (2008) o ensino de alunos com necessidades especiais sofreu algumas mudanças positivas no século atual. A legislação de ensino, no tocante de que o aluno pode aprender desde que seja disponibilizado um tempo maior para ele e que tenha uma atenção individualizada, vem garantir o real atendimento que se faz necessário.

Aos poucos a rede de ensino regular vem buscando alternativas que facilitem a inserção e permanência desses alunos na sociedade. Grande parte dos professores do ensino regular afirmam que não estão preparados para trabalhar com pessoas com necessidades especiais, sejam estas quais forem. Temos muitos desafios a enfrentar para atingir a educação como direito de todos. Um deles é permitir que esses direitos sejam garantidos como cumprimento da obrigação de matricular e manter alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns. (STAINBACK, 1997)

Para Lima e Vieira (2006), o trabalho realizado com jogos com crianças portadoras de necessidades especiais de forma recreativa possibilita a criança evoluir no domínio de seu corpo, crescendo e aprimorando suas capacidades de movimentos, superando dificuldades, conquistando novos espaços, conseguindo enfrentar novos desafios motores, cognitivos e afetivos.

Os jogos na Educação Infantil não servem apenas para divertimento mas também para que a criança se torne um adulto criativo, com boa coordenação motora, que saiba respeitar regras e relacionar-se com o mundo, entre outras finalidades. É importante também lembrar que o jogo na faixa etária de Educação Infantil é fonte de alegria e prazer e que o verdadeiro jogo possibilita a superação das dificuldades que as crianças encontram.

A partir desta construção percebe-se, que a inclusão do aluno com necessidades especiais no âmbito escolar, tem também o intuito de uma inclusão social do mesmo em um novo tipo de sociedade, que se adapta às transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade das pessoas.

Sob essa perspectiva, levando-se em conta o número elevado de alunos nas classes comuns, reduz-se a capacidade do docente em atender adequadamente, mesmo que as demais variáveis

sejam mantidas, como material didático, espaço físico, qualificação e quantificação profissionais.

Neste cenário, coexiste o bullying que precisa ser enfrentado por todos os profissionais e toda comunidade de forma a propiciar o melhor ambiente a todos. Nem sempre a própria família é um eixo de apoio suficiente. O desafio posto é grande a toda sociedade considerando que esse indivíduo será um adulto que deverá estar preparado para a vida adulta em sociedade e para o mercado de trabalho.

O ambiente externo a escola também precisa ser preparado e aperfeiçoado para esse desafio social, incluindo o corporativo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de. **Educação inclusiva: jogos para o ensino de conceitos**. Campinas: Papyrus, 2004. ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais**. São Paulo: Papyrus, 2004.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE, 2008

CAVALCANTE, Meire. **Aparências diferentes? Talentos também**. Rev. Nova Escola. Editora. São Paulo: Abril. Jun./Jul. 2004.

FRAZZON, Lúcia M. **O processo educativo e o desenvolvimento integral da personalidade do educando**. Comunicações, Joaçaba, v. 8, n. 1, p. 116-125, jun. 2001.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 2002.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1992. 128 p.

LIMA, Priscila Augusta; VIEIRA, Terezinha. **Educação Inclusiva e Igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

LORENZINI, M. V. **Brincando a brincadeira com a criança deficiente: Novos rumos terapêuticos**. São Paulo: Manole, 2002.

MALUF, Ângela C.M. **Brincar: prazer e aprendizado**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MRECH, Leny Magalhães **O Uso de Brinquedos e Jogos na Intervenção Psicopedagógica de Crianças com Necessidades Educativas Especiais**. Net. São Paulo, jan. 2001. Educação on-line. Disponível em: [http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=170:o-uso-de-brinquedos-e-jogos-na-intervencao-psicopedagogica-de-criancas-com-necessidades-especiais&catid=10:psicopedagogia&Itemid=21](http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=170:o-uso-de-brinquedos-e-jogos-na-intervencao-psicopedagogica-de-criancas-com-necessidades-especiais&catid=10:psicopedagogia&Itemid=21) Acesso jul. de 2017.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000. 126p.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Educação e limites: os (des) caminhos da família e da escola**. GO: FE/UFG. 2003

SÁ, Virgínio. **A participação dos pais na escola pública portuguesa: uma abordagem sociológica e organizacional**. Braga, Portugal: IEP-Universidade do Minho, 2004.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.



VASQUES, Carla. & BAPTISTA, J. **Transtornos Globais do Desenvolvimento: Educação: um Discurso sobre Possibilidades**, 2008. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/html/343-of-4-st2.htm>. Acesso 10 jul. de 2017

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2007.